

ERA UMA VEZ UM MENINO E UMA MENINA...: REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO ATRAVÉS DE LIVROS PARADIDÁTICOS NOS ANOS INICIAIS NO ENSINO FUNDAMENTAL

ONCE UPON A TIME THERE WAS A LITTLE BOY AND A LITTLE GIRL...: GENDER REPRESENTATIONS IN THE INITIAL YEARS OF PRIMARY TEXTBOOKS

DOI: 10.15668/1807-8214/artemis.v17n1p129-140

Resumo

Abordar a temática de gênero no contexto escolar se torna algo complexo, pois poucos são os cursos de formação docente e as capacitações que se voltam para essa temática. O objetivo desse texto é analisar as representações de crianças em torno das construções de gênero, propondo para os docentes a possibilidade de trabalhar esse tema no contexto escolar. A pesquisa apresentou como material principal os livros paradidáticos. A análise dos dados foi realizada com base na Análise de Conteúdo, modalidade temática e definimos temas ou categorias considerados relevantes para a discussão. Nesse estudo não tivemos a pretensão de expor modelos, mas apresentar caminhos que sejam aliados nas propostas de estudo de gênero com crianças, e mesmo nos cursos de formação de professores, indo além dos padrões generificados e reprodutores de estereótipos, propondo a relação teoria e prática, minimizando dicotomias que são tão comumente queixas de docentes.

Palavras-chave: Gênero. Formação docente. Sexualidade.

Abstract

Addressing gender issues in the school environment becomes a quite complex enterprise since there are few training and specializing courses for teachers on this thematic. The aim of this paper is to analyze representations of children on gender construction, suggesting the possibility for teachers to work this subject in the school context. The research has taken textbooks as the main material to be studied. Data analysis was based on content analysis and thematic mode; themes or categories considered relevant for discussion were defined. In this study there was no pretense of exposing models, but to provide paths that might be helpful for study on gender and children, even for teacher trainings. The idea was to go beyond gendered patterns and the reproduction of stereotypes, to establish a relationship between theory and practice, as well as minimizing the dichotomies that are so commonly part of teachers' complaints.

Keywords: Gender. Teacher education. Sexuality.

Rita C. Petrenas

Doutoranda na Unesp/Araraquara, Integrante do NUSEX - Núcleo de Estudos da Sexualidade.

E-mail: petrenas@bol.com.br.

Fátima A. C. Gonini

Doutoranda na Unesp/Araraquara. Integrante do NUSEX – Núcleo de Estudos da Sexualidade.

E-mail: fatinini@yahoo.com.br.

Valéria M. N. Mokwa

Doutoranda na Unesp/Araraquara. Integrante do NUSEX - Núcleo de Estudos da Sexualidade.

E-mail: valeriamokwa@gmail.com.

Paulo R. M. Ribeiro

Professor Doutor da UNESP Campus Araraquara, Coordenador do grupo NUSEX Brasil.

E-mail: paulorenes@terra.com.br.

Contextualizando a pesquisa

“A partir daí, entre uma e outra choradinha, com razão, o menino Nito cresceu um menino muito, muito, mas muito feliz!”

Rosa (2008: 16)

O espaço da sala de aula, independente da faixa etária, cada vez mais se torna favorável para discussões em torno das temáticas da sexualidade e do gênero, pois as questões sociais precisam ser abordadas e referenciadas no contexto escolar, sendo uma forma propícia para a formação do cidadão e também para minimizar o preconceito presente no próprio ambiente escolar, que consequentemente será direcionado à sociedade.

Maia & Ribeiro (2011) destacam que a escola é local privilegiado para a educação sexual, pois a maioria dos indivíduos permanece neste espaço institucionalizado desde os seis anos até aproximadamente os dezoito anos, além de que a escola tem a função de transmissão do conhecimento acumulado pela humanidade e também é espaço adequado para reflexão, questionamento, enfim, local de constituição de cidadania.

Na primeira etapa do ensino fundamental, 1º ao 3º ano do processo de escolarização, a expectativa regular é que os educandos estejam na faixa etária de seis a nove anos, estando em ação a formação de valores e a socialização através de atividades intelectuais ou recreativas, que podem ser desenvolvidas em grupos. O docente, ao trabalhar com essa faixa etária, tem o desafio de propor situações instigantes e criativas para os alunos, propondo a reflexão, a estimulação e a discussão no grupo, seja de modo oral, escrito ou por meio de expressão gráfica.

A proposta desse artigo surgiu a partir da situação vivenciada por um dos autores com crianças na faixa etária entre oito e nove anos, pois sendo professora de língua portuguesa propôs uma atividade rotineira em que as crianças escreveriam em tiras de papel o nome do livro que estavam retirando da biblioteca para posteriormente organizá-los em ordem alfabética. Essa atividade era realizada semanalmente, a professora tinha o hábito de entregar tiras de papel sulfite colorido. Porém, em um desses dias um garoto recebeu aleatoriamente uma tira cor de rosa e começou a chorar veementemente, pois se

recusava a escrever dizendo que não era “mulherzinha” para escrever em papel daquela cor.

Por mais que a professora e alguns colegas de sala argumentassem, o garoto continuava chorando, alguns tentavam justificar dizendo: “Meu pai é homem e usa camisa rosa”, outro, “Eu sou homem e uso *shorts* rosa”. Na sala de aula, ocorreu um tumulto geral e todos tinham argumentos para o garoto parar com o choro. A professora consentiu que as argumentações fossem feitas por um tempo até que fez a intervenção, deixando o garoto que chorava argumentar sobre a cor do papel. Ele, por fim, cedeu aos convencimentos da turma de colegas e usou a tira de papel rosa em meio a lágrimas e risos. Diante da situação não houve mais argumentos, a professora questionou os alunos sobre as marcações de cores estipuladas pela sociedade para meninos e meninas, bem como, os estereótipos em torno dos sexos, de maneira adequada para as idades dos alunos, ou seja, as brincadeiras, o auxílio nos trabalhos domésticos, o uso de brinquedos e de espaços da própria escola.

Assim, a professora percebeu um tema ideal para ser trabalhado no cotidiano escolar. Nas semanas subsequentes passou a abordar a temática de gênero com os alunos, a partir da leitura de livros paradidáticos em que o assunto pudesse ser explorado, contudo três livros se destacaram no trabalho didático: “O menino Nito: então, homem chora, ou não?” (ROSA, 2008); “Menino brinca de boneca?” (RIBEIRO, 2001); “Faca sem ponta galinha sem pé ...” (ROCHA, 1983).

São três livros paradidáticos facilitadores para serem trabalhadas diversas abordagens, e dentre elas a questão de gênero. Após a leitura dos livros era aberta uma roda de discussão, e muitos alunos expunham suas ideias e vivências cotidianas, tanto do ambiente escolar como em atividades com a família, e posteriormente respondiam dois questionamentos e também analisavam uma “tirinha” da *Turma da Mônica*. A proposta de escrita foi bastante significativa, mas as discussões eram muito valorizadas, ganhando maior envolvimento no decorrer do trabalho. Foi possível um vasto campo de discussão que durou aproximadamente três meses, sendo trabalhado uma ou duas vezes por semana.

Apartir dessa vivência, e percebendo a importância da abordagem da temática de gênero no contexto escolar, independente da faixa etária, o objetivo desse texto é

analisar as representações de crianças em torno das construções de gênero, propondo para os docentes a possibilidade de trabalhar esse tema no contexto escolar.

A construção de gênero e a importância da formação docente

A entrada dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) no contexto escolar possibilitou a discussão em torno das questões da sexualidade, uma vez que um dos volumes dos PCN (BRASIL, 1997) abrange a orientação sexual e faz parte dos temas transversais que se apresentam como conteúdos que devem ser trabalhos no cotidiano pelas diversas disciplinas que compõem o currículo;

O conceito de gênero diz respeito ao conjunto das representações sociais e culturais construídas a partir da diferença biológica dos sexos. Enquanto o sexo diz respeito ao atributo anatômico, no conceito de gênero toma-se o desenvolvimento das noções de “masculino” e “feminino” como construção social. O uso desse conceito permite abandonar a explicação da natureza como a responsável pela grande diferença existente entre os comportamentos e os lugares ocupados por homens e mulheres na sociedade. Essa diferença histórica tem privilegiado os homens na medida em que a sociedade não tem oferecido as mesmas oportunidades de inserção social e exercício de cidadania a homens e mulheres. Mesmo com a grande transformação dos costumes e dos valores que vem ocorrendo nas últimas décadas, ainda persistem muitas discriminações, por vezes encobertas, relacionadas ao gênero. (BRASIL, 1998b: 321-322, grifo do autor).

O Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil (RCNEI) também propõe a possibilidade de discussão das questões da sexualidade no contexto escolar, mesmo que de forma sucinta, pois em um dos itens do documento há a temática “Expressão da Sexualidade” (BRASIL, 1998a:17), além de que em outros pontos o material,

[...] sinaliza a incorporação de uma perspectiva de gênero ao defender a importância de transmitir valores de igualdade e respeito entre pessoas de sexos diferentes; ou ter o cuidado

de adotar propositalmente os termos meninos e meninas, ao invés de crianças (UNBEHAUM, 2009: 5).

Contudo, essas possibilidades não são percebidas e mesmo que surjam propostas para se trabalhar com a temática acabam ficando excluídas do currículo em ação das escolas, pois os professores ou não percebem a importância desse trabalho ou se sentem inseguros para realizar ações com a abordagem de gênero e sexualidade, pois é comum a alegação que falta formação nas graduações, capacitação em serviço, incentivo e respaldo dos demais profissionais das escolas.

Podemos compreender que os estudos de gênero estão atrelados à sexualidade e as questões em torno da especificidade de gênero são relativamente recentes, principalmente no campo da educação, pois se adentrou em território brasileiro pelos movimentos sociais feministas, e assim passou a distinguir gênero de sexo (LOURO, 1997).

As questões em torno de gênero são construídas social e culturalmente, portanto, desencadeadas na sociedade em que o indivíduo está inserido, sendo um processo contínuo e histórico. Desse modo, a escola não pode ficar distante desse papel, pois faz parte da sociedade e conseqüentemente é local privilegiado das relações sociais, culturais e históricas e as atividades pedagógicas, dentre elas a literatura, se expressam como importante articulador das construções de gênero propondo reflexões e discussões.

Trabalhar sexualidade e gênero na educação é fundamental, pois segundo Furlani (2011: 119) “[...] a Educação Sexual, a partir da educação infantil, pode articular os estudos das relações de gênero com o processo de formação das crianças e jovens.”.

É comum na sociedade como um todo, e conseqüentemente na escola, as mulheres terem atributos relacionados à passividade, submissão e docilidade, enquanto as características que proclamam o masculino são de valentia, domínio, força e poder. Esse é um discurso preconceituoso que perpassa há anos a dominação e discriminação. Esse fato nos reforça que gênero é uma construção social construída historicamente, a esse respeito, Louro (1996) estabelece que:

Gênero é fundamentalmente uma construção social - portanto, histórica.

Esse conceito é plural, ou seja, haveria conceitos de feminino e masculino, social e historicamente diversos. A ideia de pluralidade implicaria admitir não apenas que sociedades teriam diferentes concepções de homem e mulher, como também que no interior de uma sociedade tais concepções seriam diversificadas, conforme a classe, a religião, a raça, idade, etc; além disso, implicaria admitir que os conceitos de masculino e feminino podem se transformar ao longo ao tempo. (LOURO, 1996: 10).

Evidencia-se que a família é a primeira instância socializadora da criança, atuando nos diferentes tempos e espaços. É inevitável que a cultura também influencie as relações estabelecidas entre as crianças e adultos e entre elas próprias. Na maioria das vezes, muito antes da criança nascer, já ocorre expectativa em relação ao sexo do bebê, estabelecendo cores para o enxoval, rosa para menina e azul para menino, brinquedos e enfeites marcados pelo sexo da criança, sendo perpetuado no decorrer da infância, da adolescência e até mesmo da vida adulta.

O corpo, as habilidades, os comportamentos e as preferências das crianças são marcadas e direcionadas desde tenra idade com características para a masculinidade e para a feminilidade esses marcadores vão se incorporando e passando a ser considerados naturais, superiores ou inferiores, estabelecendo diferenças nas relações sociais e impreterivelmente escolares. Sayão (2002: 5) destaca: “A demarcação do que cabe aos meninos e ou às meninas se inicia bem cedo e ocorre pela materialidade e também pela subjetividade. Essas relações influenciam nas elaborações que as crianças fazem sobre si, os outros e a cultura, e contribuem para compor sua identidade de gênero”.

Desse modo, abordar a sexualidade e gênero nos cursos de formação docente é tarefa que não pode passar despercebida. Tais temas devem fazer parte do currículo desses cursos, com disciplinas específicas ou de modo a completar a interdisciplinaridade, possibilitando discussões que contribuam para a desconstrução de valores dos futuros profissionais e reeducando dentro de uma perspectiva crítica e emancipatória a respeito no que tange a sexualidade e gênero.

O professor deve oferecer aos alunos oportunidade e situações através de leituras, brincadeiras, conversas para que possam problematizar a temática de gênero, mostrando

que não é algo comum, natural, mas construído; e o que é concebido como certo e errado pode ser desestabilizado, repensado e visto de outro modo.

Para tanto perceber as oportunidades do cotidiano escolar, propostas pelos livros didáticos, paradidáticos e pelas situações de interações entre alunos é fundamental. A formação docente se torna necessário e pertinente para que o professor desconstrua as questões de gênero, pois a escola não deve ser conivente com a perpetuação de concepções estereotipadas de feminilidade e de masculinidade.

A formação docente, seja nos cursos de graduação ou pós-graduação, se torna tarefa imprescindível se quisermos contribuir na formação de cidadãos ativos, críticos, solidários na construção de uma sociedade mais democrática como destaca Ribeiro (2013: 13-14):

[...] uma formação que possa ampliar a noção de sexualidade desses profissionais (referência aos professores) [...]; inserir a questão da cidadania como um dos pilares de sustentação da igualdade entre os sexos e de uma vida sexual plena com o mínimo possível de angústias, ansiedade, culpa e desinformação; a partir da cidadania, chegar ao debate e à reflexão das questões de combate à homofobia e à discriminação de gênero; instrumentalizar o professor e os profissionais da saúde para que possam lidar com as dificuldades naturais resultantes dos tabus e preconceitos inerentes ao sexo, ao gênero e à orientação sexual.

Ainda são poucos os cursos de formação docente que estabelecem em suas grades curriculares conteúdos e ações na área da sexualidade e gênero, que em paralelo colaboraria para o combate da violência e das atitudes preconceituosas no interior das escolas e inevitavelmente da sociedade. É importante que se compreenda que o trabalho com sexualidade e gênero deve ser incorporado ao Projeto Pedagógico das escolas, pois é fundamental o estabelecimento de parcerias no contexto da escola, para que ocorra um fortalecimento de ações e concepções, inclusive proporcionando momentos de estudo e reflexão.

A análise dos dados da pesquisa

A pesquisa foi realizada em um período de aproximadamente três meses, sendo trabalhada a temática

duas vezes por semana. Cada aula ou proposta de atividade possuiu a duração em média de 1h30min, pois devido à faixa etária das crianças um tempo maior levaria ao desinteresse e dispersão do que estava sendo trabalhado. A princípio foram comunicados os objetivos da pesquisa, e solicitado a realização do trabalho para a direção da escola que preencheu o Termo de Livre Esclarecimento.

As atividades de escrita propostas foram analisadas nesse trabalho. Esclarecemos que essas atividades foram desenvolvidas em dias diferentes, e os participantes também aparecem em número diferente, pois podem ter faltado à aula.

Os alunos estão na faixa etária entre oito e nove anos, estudam no período da manhã em escola pública do interior paulista, e pertencem a diversos bairros da cidade. Frequentam duas salas de 3º ano do Ensino Fundamental, sendo que a professora que realizou as atividades leciona língua portuguesa para ambas as classes em horários distintos.

A análise dos dados foi realizada com base na Análise de Conteúdo, modalidade temática (BARDIN, 1977), e definimos temas ou categorias considerados relevantes para discussão sobre os dados apresentados.

Para a análise da pesquisa, após realizar a Análise de Conteúdo Temática, foram elaborados quadros para melhor elucidar os dados apresentados no estudo referente às questões abordadas.

A princípio procedeu-se a leitura do livro “Faca

sem ponta, galinha sem pé...” (ROCHA, 1983), para que pudesse ser discutido se há diferenças nas atitudes, brincadeiras, gostos de meninos e meninas, afinal, o livro possibilita a diversidade de papéis estabelecidos pela sociedade entre ambos os sexos. A discussão foi acalorada e os alunos se expressaram de modo a acreditar que não há diferenças, principalmente, nas brincadeiras entre meninos e meninas, inclusive expondo exemplos que ocorrem na escola, nas aulas de educação física, e também no recreio, sendo que todos desenvolvem atividades e brincadeiras juntos.

Após o trabalho contínuo com discussões e os alunos expondo suas experiências e havendo a intervenção docente, houve a leitura do livro *O menino Nito: então, homem, chora ou não?* (ROSA, 2008). Esse livro consta no acervo de paradidáticos do MEC distribuídos às escolas entre os anos de 2012/2013. A princípio a professora leu o livro, posteriormente os alunos leram em duplas (pois havia vários exemplares), propondo discussões, inclusive relacionadas com o fato ocorrido na sala do aluno e a cor do papel rosa que o fez chorar muito. Nos dias subsequentes, no desenvolvimento do trabalho, foi proposto que os alunos respondessem por escrito a pergunta: **Então, homem chora ou não? Por quê?** Participaram da atividade nesse dia 36 alunos (19 alunos – 13 meninos e seis meninas – frequentam 3º ano A; e 17 alunos – 10 meninos e sete meninas – frequentam o 3º ano B).

Quadro 1 - Questão 1) Então, homem chora ou não? Por quê?

Categoria	Subcategorias	Exemplos	Nº*
	Felicidade	“Sim de felicidade, de alegria [...]” (A18♂)	03
	Emoção	“Chora, quando tem emoção e porque tem medo [...]”. (A7♂)	04
	Dor /tristeza	“[...] Quando fica com dor chora, [...]”. (A13♂)	07
	Saudade	“Sim, porque homem pode chorar por emoção, saudade ou por outra coisa, porque não é só mulher que chora [...]”. (A12♀)	01
	Morte	“Porque quando alguém more ele chora”. (A35♂)	05
Todos Choram	Pai chora	“Sim, porque o meu pai chora”. (A5♀)	01
	Normalidade em chorar	“Sim, todo o ser humano chora”. (A36♂)	11
	Pessoas choram/ igualdade de sexo	“Sim, porque homem também tem sentimentos”. (A3♀)	07
	Direito de chorar	“Chora, porque todo homem tem direito de chorar”. (A4♀)	02

*Número de ocorrências, os participantes serão caracterizados pela letra A (aluno), número e por símbolos (♂/♀) identificando o sexo.

Fonte: Elaborado pelos autores com base na Análise de Conteúdo Temática.

Os dados nos mostram que para os alunos o chorar é algo normal, independente do sexo, relacionado a emoções e, aparentemente, não fazem comentários negativos em relação à expressão de sentimentos. A expressão através dos desenhos é algo interessante que reforça as categorias apresentadas, pois nessa fase as crianças gostam muito do desenho, inclusive costumam escrever o que estão desenhando, como se fosse uma legenda.

O Gênero, sendo uma construção social e cultural, também faz parte do trabalho escolar para que não ocorram diferenças e estereótipos nos relacionamentos intraescolares, que paralelamente e posteriormente se concretizarão em ações extraescolares, pois, se bem discutidas e incorporadas de maneira positiva, podem minimizar o preconceito tão comum nas sociedades atuais.

Figura 1 - Imagem – A7♂/ A6♀



Fonte: Desenho elaborado pelo aluno com base na questão proposta.

Os desenhos nos mostram duas concepções infantis diferenciadas para expressar o choro: a) “bateu a cabeça no poste”, questões típicas de crianças que brincam, caem se machucam, ou seja, o choro associado à dor física; b) “homem chorando que foi traído”, nesse caso, apresenta uma vivência em relação à vida adulta, podendo ser o vivenciado ou o exposto pela mídia. Mas, em ambos os casos o homem, o indivíduo do sexo masculino, pode expressar os seus sentimentos, seu choro.

As discussões continuaram no cotidiano e sempre os alunos tinham histórias envolvendo as questões de gênero para contar, sendo a mídia um assunto constante, principalmente as novelas, que eram direcionadas pela professora a reflexão e exposição de ideias.

A valorização das expressões é essencial, pois os próprios alunos, se fortalecidos pela ação docente, vão construindo e reconstruindo concepções aprendidas em família e entre os colegas, pois:

[...] homens e mulheres certamente não são construídos apenas através de mecanismos de repressão ou censura; eles e elas se fazem, também, através de práticas e relações que instituem **gestos**, modos de ser e de estar no mundo, formas de falar e de agir, condutas e posturas apropriadas (e, usualmente diversas). (LOURO, 1997: 41).

Ações no sentido de se abordar a temática de gênero podem proporcionar a inclusão de mulheres, homossexuais ou mesmo indivíduos que fogem ao padrão considerado pela maioria como normal, indo muito além da tolerância, envolvendo pertencimento, respeito e enaltecimento, pois favorecem oportunidades reais de questionamentos e troca de opiniões associados à temática.

As discussões em torno do tema continuaram no cotidiano das atividades escolares e sempre que a temática era apresentada para os educandos, eles narravam cenas televisivas, principalmente as cenas das novelas. A

professora aproveitava o conhecimento trazido pelos alunos e direcionava para reflexões e exposições de ideias para poderem reconstruir conceitos advindos do senso comum.

O próximo trabalho escrito foi abordar a questão sobre os brinquedos e brincadeiras infantis, a partir da leitura do livro paradidático *Menino brinca de boneca?* (RIBEIRO, 2001). A professora leu o livro às crianças sempre fazendo espaços para intervenções. Muitos questionamentos eram propostos pelo próprio livro, e assim surgiu a próxima pergunta para ser respondida por escrito. Participaram da atividade nesse dia 35 alunos (18 alunos – 13 meninos e cinco meninas que frequentam 3º ano A; e 17 alunos – 10 meninos e sete meninas que frequentam o 3º ano B).

Para os alunos, independente do sexo, o brincar de boneca é uma divertimento normal, pois explicitam que é um passatempo que realizam com irmãs, vizinhas, colegas; e mesmo as meninas expressam ser muito interessante que os colegas tenham esse momento de recreação com elas.

O brincar é fundamental para as crianças, tanto na questão da socialização como na do aprendizado, além de que contribui para a interiorização de papéis determinados de modelos adultos. Podemos observar quando as próprias crianças relacionam o brincar com boneca com o treinamento para ser pai ou com novas significações. “É importante ressaltar que os brinquedos são compreendidos como elementos culturais, portadores de significados e de um enredo social e as crianças estão a todo o momento recriando novos significados.” (FINCO, 2003: 96).

Quadro 2 - Então, homem chora ou não? Por quê?

Categoria	Subcategorias	Exemplos	Nº*
Brincadeiras	Menina brinca de carrinho	“Sim, porque não tem nada demais às meninas brincam de carrinho”. (A1♀)	03
	Menino brinca de boneca/é normal	“Sim, porque é um brinquedo”. (A18♂)	21
Concepções	Treinamento para ser pai/ quando crescer	“Sim, porque é um treinamento para ser pai”(A11♂).	02
	O sexo para brincar não importa	“Sim, porque não importa o sexo, todos podem brincar”. (A4♀)	05
	Eles não podem é só mulher	“Não, eles não pode é só mulher”(A5♀).	01

* número de ocorrências

Fonte: Elaborado pelos autores com base na Análise de Conteúdo temática.

Figura 2 -Imagem – A33♂/ A26♀



Fonte: Desenho elaborado pelo aluno com base na questão proposta.

O ambiente social e cultural contribui para a construção de identidades de gênero desde tenra idade e os brinquedos proporcionam a legitimidade do que é masculino e feminino diante da sociedade. Muitos brinquedos direcionam as atribuições sociais designadas para cada sexo como, por exemplo, suas cores, as bonecas e utensílios de casa para meninas, e para os meninos bolas, carrinhos, objetos que expressam luta, força, violência (espada, revólver, entre outros). Esses brinquedos são marcadores do gênero, ou seja, do papel do homem e da mulher na sociedade e também determinam o que se pode ou não ser praticado e brincado, sendo que esses conceitos adentram o universo escolar.

Infere-se, assim, mesmo que de modo implícito, para o sexo feminino a docilidade, a submissão, o cuidar da casa; para o homem a virilidade, o poder. Em pesquisa realizada por Carvalho (1999) outros objetos e símbolos são atribuídos à constituição do sexo, sendo o masculino atribuído ao superior e o feminino ao inferior. São atribuições que muitas vezes não se destinam somente ao corpo ou ao sexo, mas se tornam uma compreensão cultural e histórica.

Nas expressões escritas e ilustrativas foi possível perceber que as crianças não possuem práticas sexistas presentes no mundo adulto, pois a dicotomia entre masculino e feminino é algo aprendido ao longo do tempo, sendo a escola importante local desestabilizador de dicotomias feminino/masculino: “Não tem nada a ver menino brincar de boneca todos podem. Menino brinca de Barbe que não tem nada a ver”. (A24♀ 3ºB); “Todo mundo tem direito de escolher” (A29♂, 3º B).

Louro (1997) afirma que a escola é importante agente socializador nesse processo de propor que as diferenças são “naturais”, pois “Tal ‘naturalização’ tão fortemente construída talvez nos impeça de notar que, no interior das atuais escolas, onde convivem meninos e meninas, rapazes e moças, eles e elas se movimentam, circulam e se agrupam de formas distintas.” (LOURO, 1997:5 6).

A escolha de brinquedos pelas crianças costuma ser vista, principalmente pelos pais, como a futura orientação sexual quando adultos. É importante perceber que o fato de um menino optar em brincar de boneca e uma menina em escolher carrinhos não significa que

terão orientação homossexual¹. Felipe (2000: 123) aponta que há vigilância, uma preocupação, por parte dos pais, da escola, da sociedade, em relação à orientação sexual da criança: “Qualquer possibilidade de rompimento das fronteiras de gênero aponta para a classificação no campo da patologia, da anormalidade”. Os pais e docentes possuem uma dificuldade em diferenciar a identidade sexual da identidade de gênero, tendo certo receio, levando a expressão de polaridades no cotidiano, como se sempre tivesse que “encaixar” as crianças em locais pré-definidos, menino/menina; macho/fêmea; homossexual/heterossexual, sendo que ainda há um longo percurso de formação e constituição dessa criança.

A tarefa final da atividade sobre gênero decorreu da apresentação de uma história em quadrinhos, que faz parte do currículo de língua portuguesa referente à série pesquisada e aborda personagens conhecidos pelos alunos, Turma da Mônica. A história em quadrinhos trata de um assunto, de forma humorada, que é o Cebolinha fazendo tarefas domésticas e a Mônica saindo para o trabalho. A cena, apesar de breve, pode ser confrontada e discutida no cotidiano dos alunos: se os pais dividem o trabalho doméstico, se os alunos do sexo masculino auxiliam seus familiares quando solicitados, dentre outros aspectos que os próprios alunos foram sugerindo.

A princípio foram trabalhadas as questões sobre quem são as personagens, exploração das falas das personagens, local que a história acontece, pois são atividades rotineiras da língua portuguesa. Posteriormente, foi trabalhada por escrito a seguinte pergunta: Você acha que homens podem ajudar² no serviço da casa? Por quê? Participaram da atividade nesse dia 26 alunos (15 alunos – 10 meninos e 5 meninas – frequentam 3º ano A; e 11 – 6 meninos e 5 meninas – frequentam o 3º ano B).

1 Sugerimos a Produção do Instituto ECOS – Comunicação em Sexualidade, vídeo “Boneca na Mochila” (1995) <www.ecos.org.br>. O vídeo aborda os medos e inseguranças dos adultos em relação à homossexualidade.

2 Por se tratar de crianças com faixa etária que não entenderia concepções de que o homem deve assumir juntamente com a mulher as responsabilidades das tarefas domésticas, assim como o cuidar dos filhos, os autores (as) optaram utilizar para representar esse conceito a palavra ajudar, pois é um vocabulário pertinente aos alunos e também utilizado nos espaços familiares das crianças, sendo de fácil compreensão pelos educandos. Percebemos que nas suas respostas as crianças também utilizam a palavra ajudar, tanto oralmente como por escrito.

gênero é, antes de tudo, remexer e atribuir novos significados à nossa própria história. (FINCO, 2003: 99-100).

No contexto escolar, no tocante às questões de gênero, algumas atitudes podem contribuir para a construção de um ambiente mais saudável com relações menos dualistas entre os sexos, rumo a uma educação sexual emancipatória. Dentre elas podemos destacar:

a) o uso de filas mistas de meninos e meninas, pois é comum nas escolas termos filas de acordo com o sexo, inclusive nas atividades do pátio;

b) evitar os reforços estigmatizantes em relação ao sexo, por exemplo, quando se diz para uma menina que suas atitudes de bagunça a fazem parecer um menino, ou mesmo, para os meninos quando se refere que parece uma menina mimada, que suas atitudes são de “mulherzinha”, esses tipos de comparações provocam humilhações e o reforço de características negativas entre colegas de sala e marcadores negativos de sexo/gênero;

c) estimular tanto em sala como no pátio atividades em grupos mistos;

d) discutir, explicar e eliminar piadas racistas, homofóbicas e contra a mulher, bem como, os jargões populares - “Lugar de mulher é pilotando o fogão”-, pois muitas vezes as crianças repetem porque ouviram dos adultos, mas não sabem do que realmente se trata, e se acontecer é oportuno explicar que atitudes como essa ofendem, humilham;

e) em atividades rotineiras de auxílio e organização do material não determinar o que seja atividade de menino ou menina, ambos podem fazer as atividades, como regar as plantas da sala, ajudar na conservação da limpeza, servir lanches;

f) não estipular brinquedos e brincadeiras de acordo com o sexo e inclusive incentivar a prática de esportes e o uso da quadra esportiva por todos, pois é costume os meninos jogarem futebol na quadra e as meninas praticarem outras atividades nos arredores.

Esses se apresentam apenas como alguns exemplos de atitudes simples que no cotidiano escolar podem ser desenvolvido por todos para o melhor convívio e respeito, buscando a formação de uma sociedade mais humana, igualitária e menos preconceituosa.

Considerações finais

Compreender as relações de gênero como práticas sociais e culturais é fator principal para estabelecer estudos e propostas que envolvam a temática da sexualidade, pois o gênero se faz presente nas diferentes relações sociais e está explícito e implícito nas representações diversas de símbolos, normas e valores. Consequentemente, faz parte das práticas escolares, pois tal instituição não se constitui como um nicho isolado da sociedade.

A escola, fazendo parte da sociedade, colabora de modo fundamental para a construção de gênero, pois gênero e sexualidade são construções que ocorrem no perpassar da vida e as influências das diversas instituições vão constituindo os sujeitos como homens e mulheres de maneira não estática. Assim, a escola tem papel preponderante na formação de crianças, jovens e adultos, pois as práticas pedagógicas contribuem de maneira significativa para a formação do indivíduo, interferindo na construção de sua identidade e de valores.

Na maioria das vezes nossa sociedade é pautada em princípios de como devem atuar homens e mulheres, sem questionamento sobre tais valores fazerem parte de tradições e artimanhas de poder. A escola se apresenta como um ambiente que se adequa a discussões para reflexão e combate a culturas sexistas, homofóbicas, misóginas, propondo a reflexão e a desestabilização de verdades concebidas como absolutas.

Para tanto, o professor e o contexto escolar precisam estar capacitados para tais condições, caso contrário há uma reprodução de valores, e muitas situações favoráveis para o debate e propostas de mudança de postura dos alunos acabam sendo dirimidas e se tornam apenas conteúdos programáticos necessários para vencerem as imposições curriculares.

Os professores precisam rever seus próprios conceitos e questionar valores arraigados em nossa sociedade, mas essa empreitada não é fácil, e diríamos quase impossível de ser realizada na solidão, pois demanda estudo, reflexão e será muito mais significativa e valiosa se realizada em equipe.

Nesse estudo não tivemos a pretensão de expor modelos, mas apresentar caminhos para que os livros paradidáticos sejam aliados às propostas de estudo de gênero com crianças e mesmo nos cursos de

formação de professores, sendo subsídios preciosos do trabalho docente, indo além dos padrões generificados e reprodutores de estereótipos. Além de que, tentamos propor a relação teoria e prática, minimizando dicotomias que são tão comumente queixas de docentes.

Enfim, buscamos expor condições de reflexão para uma proposta de trabalho em busca da equidade de gênero, combatendo preconceitos e acreditando na criticidade rumo à educação sexual emancipatória.

Referências

- BARDIN, Laurence. (1977) *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. (1998a). *Referencial curricular nacional para a educação infantil*. Brasília: MEC/SEF.
- BRASIL. Secretaria do Ensino Fundamental. (1998b). *Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais*. Brasília: MEC/SEF.
- _____. (1997). *Parâmetros curriculares nacionais: introdução*. Brasília: MEC/SEF.
- CARVALHO, Marília Pinto de. (1999). *No coração da sala de aula: gênero e trabalho docente nas séries iniciais*. São Paulo: Xamã.
- CYMBALUK, Fernando. (2012). *Mulheres chefes de família não são mais pobres e nem sozinhas, diz pesquisadora*. Disponível em: <<http://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2012/09/22/mulheres-chefes-de-familia-nao-sao-mais-pobres-e-nem-sozinhas-diz-pesquisadora.htm>>. Acesso em: 28 ago. 2013.
- FELIPE, Jane. (2000). “Infância, gênero e sexualidade”. In: *Educação & Realidade*, 25, 1, dez-jan/jul, pp. 115-134.
- FINCO Daniela. (2003). “Relações de gênero nas brincadeiras de meninos e meninas na educação infantil”. In: *Pro-Posições*, 14, 3(42), pp. 89-101, set./dez.
- FURLANI, Jimena. (2011). “Educação sexual: possibilidades didáticas a um começo na educação infantil e no ensino o fundamental”. In: FURLANI, Jimena. *Educação Sexual na escola: relações de gênero, orientação sexual e igualdade étnico-racial numa proposta de respeito às diferenças*. Belo Horizonte: Autentica, pp. 87-129.
- LOURO, Guacira Lopes. (2010). “Pedagogias da Sexualidade”. In: *O corpo educado: pedagogia da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica editora, pp. 7-34.
- LOURO, Guacira Lopes. (1997). *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis: Vozes.
- _____. (1996). “Nas redes do conceito de gênero”. In: LOPES, Marta Julia et al. *Gênero e Saúde*. Porto Alegre, Artes Médicas, pp. 7-18.
- MAIA, Ana Cláudia Bortolozzi & RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. (2011). “Educação sexual: princípios para ação”. In: *DOXA: Revista Brasileira de Psicologia e Educação*, 14, 1, pp.75-84.
- RIBEIRO, Marcos. (2001). *Menino brinca de boneca?*. São Paulo: Salamandra, 2001.
- RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. (2013). “Educação sexual na formação de professores: sexualidade, gênero e diversidade enquanto elementos para uma cidadania ativa”. In: RABELO, Amanda Oliveira. et al. (Orgs.). *Formação docente em gênero e sexualidade: entrelaçando teorias, políticas e práticas*. Petrópolis, RJ: De Petrus, pp. 7-15.
- ROCHA, Ruth. (1983). *Faca sem ponta, galinha sem pé*. São Paulo: Editora Ática.
- ROSA, Sonia. (2008). *O menino Nito: então homem chora ou não?* Rio de Janeiro: Pallas.

SAYÃO, Deborah Thomé. (2002). “A construção de identidades e papéis de gênero na infância: articulando temas para pensar o trabalho pedagógico da educação física na educação infantil”. In: *Revista Pensar a Prática*, 2, pp.1-14.

SOUSA, Mauricio de. *Monica brincando de casinha*. Disponível em: <<http://maeperfeita.files.wordpress.com/2012/11/mc3b4nica-casinha.gif?w=714>>. Acesso em: 24 fev. 2012.

UNBEHAUM, Sandra. (2009). *Temas transversais na educação: ainda uma questão mal resolvida nas políticas de educação*. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, pp.1-11.